

INIMIGAS INTIMAS: UMA REPRESENTAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DAS SUBJETIVIDADES FEMININAS

Célia Pereira da SILVA*

UEPB

Anny Karine Matias Novaes MACHADO**

UFCG

*Uma das grandes conquistas alcançadas
pelos movimentos feministas
foi a compreensão e o reconhecimento de que o privado,
o doméstico, o pessoal é político.
Isso outorgou status político às questões
dos relacionamentos familiares,
do sexo, do trabalho cotidiano e da afetividade ...
(VIANA, 1995: 86)*

A emergência da história das mulheres alçou vôos a partir da década de 60. Inicialmente questionava-se a intrínseca conexão entre a história das mulheres e a política. O feminismo contribuiu para a criação de uma identidade coletiva das mulheres na busca de “um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e sobre suas vidas” (SCOTT, 1992: 68). Foi, nesse sentido, que a história das mulheres como campo de estudo, evoluiu do feminismo, essencialmente político, para o estudo das condições femininas e daí para o gênero, destituído de ideologias políticas.

A partir da década de 70 os discursos acerca da realidade histórica das mulheres proporcionaram uma maior movimentação

O aumento da consciência acarretou a descoberta da verdadeira identidade das mulheres, a queda das viseiras, a obtenção de autonomia, de individualidade e, por isso, de emancipação [...] a emergência da história

* Graduada em Letras e em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba.

** Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba e graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

das mulheres ficou então entrelaçada com a emergência da categoria das mulheres, como uma identidade política, e esta foi acompanhada por uma análise que atribuía a opressão das mulheres e sua falta de visibilidade histórica à tendenciosidade masculina (Op. Cit, p.83-84)

Encontramos, hoje, uma tendência de desconhecimento e indiferença com o movimento feminista, seja no âmbito social ou acadêmico. A necessidade de desvinculação da pesquisa acadêmica da política em sua forma ideológica, ou seja, como sistemas de convicção e praticas individuais e coletivas, como também, atentando para as relações de poder mais gerais no seu manutenção ou contestação, possibilitou

Uma imagem negativa das feministas veiculada pela mídia conservadora e pelos homens: mulheres que queimaram sutiãs na praça, que não gostam de homens, mal amadas, lésbicas... pergunte-se numa platéia de mulheres, quem é feminista e poucas levantarão a mão. Entre ser feminista e feminina, muitas mulheres, independente de idade/geração, raça/etnia, nível sócio econômico ou escolar preferirão ser femininas, isto é, meigas, amáveis, bonitas, atraentes, desejáveis.(CARVALHO, 2007: 551)

Nesse sentido para analisarmos as representações sociais femininas em *Inimigas Íntimas* é importante reconhecermos a persistência da dominação masculina (BOURDIE, 1999). Para Bourdie, “o *hábitos femininos*, estrutura psicossomática incorporada na socialização primaria, relação social somatizada e expressa como disposições, pode sobreviver durante muito tempo depois de desaparecidas suas condições sociais de produção”(BOURDIE APUD CARVALHO, 2007: 562)

Inimigas Íntimas nos possibilita refletir sobre as relações de gênero no Nordeste do século XX, ajuda- nos a pensar os valores sociais da época e de seus comportamentos. Por apresentar um discurso erótico, liberto das amarras na escolha das palavras, irrompe com o discurso dominador da sociedade tradicional. Usando do discurso literário para denunciar as disparidades nas relações de gênero. Pode-se questionar acerca da relações entre o discurso literário e seu referente sócio-histórico, compreendemos “que a literatura não é a transparência do vivido social, mas seu complemento, e por vezes seu reverso.” (DE CERTEAU, 2007:61). Entretanto,

O pertencimento ao campo literário não é, portanto, ausência de todo lugar, mas, como dissemos uma negociação entre o lugar e o não lugar, um pertencimento parasitário que se alimenta de sua inclusão impossível (MAINGUENEAU, 2006: 92).

È dessa forma, que Maingueneau descreve a paratopia que pode ser caracterizada como a condição da literatura e de todo criador. Assim, “a existência social da literatura supõem ao mesmo tempo a impossibilidade de ela se fechar em si mesma, e a de se confundir com a sociedade comum.” (Ibdem)

Joyce Cavalcante nasceu em 1949, em Fortaleza, de onde diz ter retirado elementos sobre "a vida provinciana e conformada das mulheres criadas para rezar, casar e morrer". Engajou-se através de sua literatura com os questionamentos existenciais femininos, como também na luta para libertar a literatura feminina de uma série de estereótipos impostos a condição da mulher.

Nesse aspecto, o discurso das obras literárias de Joyce está indissociavelmente ligado às suas práticas e convicções pessoais, como estudiosa e defensora dos escritos das mulheres, é nesse sentido que

O *ethos* literário contribui para moldar e avaliar modelos de comportamento. Nessa perspectiva, compreende-se melhor a eficácia do discurso das obras literárias, sua capacidade de suscitar a adesão. As idéias nele só se apresentam nas obras através de um modo de dizer que remete a um modo de ser, ao imaginário de uma vivência. Tanto para a literatura como para a publicidade contemporânea, trata-se de atestar o que é dito convocando o co-enunciador a se identificar com uma data determinação de um corpo em movimento, corpo esse apreendido em seu ambiente social. (Op. Cit, pp.273-274)

Em *Inimigas íntimas*, as mulheres são vítimas e/ou reagem a remanescentes das estruturas patriarcais, é nesse sentido que “seja por meio da igualdade, da diferença, ou da separação, o que é negado é a identidade da mulher conforme definida pelos homens e venerada na família patriarcal.”(CASTELLS APUD CARVALHO, 2007: 555).

O romance ambienta-se em Sobral, interior do Nordeste, o título *Inimigas íntimas* refere-se à convivência que quatro mulheres: Evangelina (esposa), Rita, Gracinda e Clarinda (criadas) mantêm com o Dr. Duda, as quais aceitam os papéis que o Dr. lhes impõe: o de objetos sexuais e de geradoras de seus filhos.

Michel Foucault em *Historia da sexualidade* trata das relações entre sexo e poder, mostrando que o domínio do corpo está relacionado à conquista de um espaço social.

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. (FOUCAULT, 1984: 98)

Em *Inimigas Íntimas* o sexo é tratado como forma de libertação, dominação e até de usos de poder, sem eufemismos lingüísticos Joyce representa o sexo entre os personagens, de forma relativamente erótica, vejamos

(I) ... Ele a deixou cheia de excitação e quando estava ficando cada vez melhor ela acreditou que ia gozar com ele como sempre tinha sonhado fazer... (p. 331)

(II) ...Fingia que ia. Mas, tinha vergonha de contar até pra ela mesma que só conseguia ir sozinha, coisa feia e humilhante pra uma mulher casada... (p. 331)

(I) ...Ela cheirava a patchuli quando o marido, já sem nenhuma roupa, a envolveu carinhosamente, livrando-a também de todas as vestes. Tocou seu corpo, explorou seu sexo de mulher como jamais tinha feito, molhando os dedos cheios de saudade do mel branco que dali saía. Sentindo que ela estava pronta, ternamente cobriu seu corpo branco e sem pêlos, com o seu que era áspero e duro e firme e penetrante... (p. 106)

(II) Montou nela por trás como as cabras e outros bichos. Diferente desses arroubos eram as mãos dele que mexiam nela pela frente, por todo lugar, até naquele lugar. Era bom como o todo. Tinha que fazer esforço para ficar em silêncio e não o incomodar, mas se pudesse gargalhava, permitindo a ele fazer tudo que ele quisesse fazer e pronto. (p. 32)

(III) Duda partiu pra cima dela e meteu-lhe uns tabefes bem dados. Juça gritava se agarrando nas pernas dela. Ela caiu no chão, e talvez de propósito nessa caída, deixou suas coxas ficarem de fora. Chorando ficou se remexendo no chão, de um jeito para deixar o homem excitado. Ele percebeu a manobra da cabrocha e não respeitou nem a presença da criança, partindo pra cima dela, se esfregando, fuçando:

- É isso que você quer, é? - perguntava ele enquanto resfolegava. (p.

257)

O sexo entre Duda e a esposa difere do que se realiza entre ele e as criadas, nas quais o fazendeiro se animaliza e animaliza a mulheres, interligando o prazer masculino à violência.. “O objetivo de Joyce Cavalcante é, para Lucy Léa, ‘criar um estilo’ que apresente de modo claro e objetivo a diferença que há entre o mundo interior feminino e o que lhe está sendo oferecido, segundo normas e padrões previamente fixados pela sociedade””. (LEA APUD AZEVEDO, S/D).

Portanto, através das representações femininas e de seus conflitos interiores e exteriores, *Inimigas íntimas* retrata a condição de subserviência da mulher, mais especificamente no interior nordestino, percebemos a permanência de estruturas mentais de ordem patriarcalistas, que impõem a mulher seu devido lugar: de mãe e esposa. Se a literatura é a representação do vivido e se “é impossível eliminar das práticas historiográficas as ideologias que nele habitam” (DE CERTEAU, 2007: 40), então propomos um retorno a utopia, a ideologia, e ao engajamento dos estudos culturais femininos com a política. Neste âmbito, a literatura atua como ponto crucial de denúncia, resistência e conscientização, porque como disse Simone de Beauvoir “não se nasce feminista, torna-se feminista”.

Referências bibliográficas:

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Feminina? Feminista? Comentários sobre identidades e cidadania das mulheres. In: JOACHIM, Sebastien. **II Cidadania Cultural: Diversidade Cultural- Linguagens e Identidades**. Vol. II. Recife: Elogica Livro Rápido, 2007.

CAVALCANTE, Joyce. **Inimigas Intimas**. São Paulo: Maltese, 1993.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da Historia**. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 5ª ed. Trad.: Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984 a.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Trad.: Maria Thereza C. Albuquerque. Rev. Técnica: José Augusto C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984b.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: contexto, 2006.

SCOTT, Joan. "História das mulheres". In: BURKE, P.(Org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.